

CONVERSÃO PASTORAL: IMPERATIVO OU MODISMO?

Prof. Dr. Sérgio Conrado*

RESUMO

A conversão pastoral tornou-se um elemento imprescindível para a Igreja hoje. No contexto espiritual de conversão, a pastoral necessita ser pensada pelos agentes de pastoral sob dois aspectos: a ação interior da graça de Deus e a mediação humana. A Conferência de Aparecida insiste para que o caráter missionário atinja todas as instâncias da Igreja: a institucional (estruturas) e a individual e comunitária (pessoas). Para tanto não basta a descoberta de novo instrumental ou estratégias. É necessário que haja uma transformação interior, baseada no encontro pessoal e comunitário com Cristo e, ao mesmo tempo, a manifestação exterior pelas ações. Trata-se de descobrir, por parte de todos os cristãos e agentes de pastoral, as exigências da fé como compromisso com a vida interna da Igreja e com sua ação no mundo.

Palavras-Chave: *Missão eclesial. Conversão Pastoral. Estruturas. Pessoa. Comunidade.*

ABSTRACT

The pastoral conversion became an indispensable element in the Church today. In the context of spiritual conversion, the pastoral care needs to be designed by pastoral agents in two ways: interior action of God's grace and human agency. The Conference of Aparecida insists that the missionary character reaches all sectors of the Church: institutional (structural) and individual and community (people). To do so, not just the discovery of new instruments, actions and strategies. It requires an inner transformation, based on personal and community encounter with Christ and at the same time, the outward manifestation of the shares. It is out permanently, by all Christians and pastoral workers, the demands of faith and commitment to the internal life of the Church and its action in the World.

Keywords: *Mission Church. Pastoral conversion. Structures. Person. Community.*

* Cônego Sérgio Conrado. Professor Titular da Faculdade de Teologia da Nossa Senhora da Assunção da Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

INTRODUÇÃO

A conversão pastoral sempre esteve presente na vida da Igreja. Pela sua natureza missionária, a Igreja tem sua origem radicada na missão do Filho e do Espírito Santo,¹ e, portanto, deve buscar sempre mais o dinamismo do seu ser e a renovação do seu agir.

Diante do atual quadro social, religioso, econômico e cultural, a Igreja, mesmo ciente do seu mandato evangelizador, se vê diante de dificuldades aparentemente intransponíveis. Dificuldades de entender a cidade; de motivar e formar pessoas para o processo de evangelização; de adequar sua atuação às culturas, estruturas próprias do nosso tempo.

Apesar dos tropeços, em uma análise global, podemos dizer que a Igreja tem levado avante sua missão, embora, por outro lado, necessite hoje de um impulso dinâmico mais ousado e abrangente. Quase sempre, ao se falar de novo ânimo pastoral, vem à nossa mente a necessidade de novas estruturas, diferentes estratégias, até recursos financeiros mais volumosos.

Sem dúvida, é necessário que a Igreja transforme e crie maneiras de proclamar o Evangelho, mas que essas mudanças expressem uma correspondente conversão interior. É claro que a Igreja não pode deixar de perceber o contexto em que os seus membros vivem. Novos desafios permanentemente surgem para a missão eclesial em construir o Reino de Deus. Daí nasce a necessidade de uma conversão pastoral, isto é, a busca de uma espiritualidade pastoral como nos refere Padre Salvador Valadez Fuentes:

A espiritualidade pastoral não é uma realidade alheia ou distinta da espiritualidade cristã. Na realidade, a experiência do Deus de Jesus Cristo constitui seu fundamento. Entretanto, sua referência à diaconia eclesial, isto é, todo serviço pastoral realizado pela Igreja, lhe dá uma conotação própria, cujos traços devem ser assumidos por todo agente de pastoral, no exercício do seu ministério.²

Um dos elementos constitutivos da espiritualidade pastoral é a conversão que leva a promover a comunhão, a participação, o diálogo, a co-responsabilidade, e a buscar meios e instrumental, marcados pelo encontro

¹ Cf. *Lumen Gentium*, n. 1.

² VALADEZ FUENTES, Salvador. *Espiritualidade pastoral: como superar uma pastoral "sem alma"*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

com o Cristo, Bom Pastor, em vista da realização da missão eclesial em sacramentalizar a presença de Deus no mundo.³

Assim, ao explicitar um pouco mais o significado de conversão e de pastoral, pretendemos mostrar que, hoje, a conversão pastoral é uma exigência imprescindível para que a Igreja, nos seus agentes e estruturas, “vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária [...], fazendo com que a Igreja se manifeste como mãe que vai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária”.⁴

1. CONVERSÃO

Conversão é uma realidade humano-cristã e fundamentalmente salvífica que expressa a dimensão dialogal entre o homem e o próprio Deus. Esse encontro é decisivo para a orientação da própria vida do ser humano atingindo o seu passado, presente e o futuro.

Deus chama os homens e mulheres a entrar em comunhão com ele, oferece a salvação e a vida, através de um diálogo amoroso. O homem nega responder positivamente a Deus por causa do pecado (cf. Gn 2–3). Apesar de tudo, o Criador gratuitamente está disposto a perdoar, contanto que o homem esteja disposto a reconhecer o pecado e acolher o perdão pela conversão do coração, conforme o Salmo 50: “Porque eu reconheço a minha culpa, e o meu pecado está sempre na minha frente [...]. Ó Deus, cria em mim um coração puro, e renova no meu peito um espírito firme” (Sl 50,5-12). A conversão é a chave e o centro decisivo da atitude humana para o perdão: supõe o reconhecimento e o afastamento do pecado, em vista de uma vida nova.

O vocabulário bíblico da conversão apresenta dois termos: *epistrephein* e *metanoien*. *Metanoia* significa arrepende-se, sentir arrependimento, mudar de sentimento ou mentalidade a respeito de algo ou de alguma ação. No Novo Testamento, *metanoia* ganha uma dimensão mais profunda mostrando a ideia de voltar-se, converter-se, emendar-se, referindo-se não tanto à mudança prática e externa, mas quanto à mudança de pensamento e de

³ Cf. Documento de Aparecida, n. 368. Daqui em diante: DAp.

⁴ DAp, n. 370.

querer. O enfoque que anteriormente se dava ao aspecto intelectual, agora se dá na mudança total, na reorientação completa da pessoa inteira.

Epistrephein, por sua vez, significa converter-se, mudar, voltar, separar-se. No Novo Testamento, *estrepheo* mantém seu significado de conversão (cf. Lc 1,16ss; 22,32; At 15,19), mas, com frequência, torna-se sinônimo de *metanoeo*, indicando não só um afastar-se do pecado, do mal ou do erro, mas também uma reorientação profunda da vontade humana em relação a Deus e a seu plano de salvação tal como apareceu e se revelou em Cristo.

A conversão bíblica, portanto, significa um movimento radical, em que o homem inicia um caminho diferente, com nova direção, com instrumental diversificado e mais enraizado em Deus. Este ato abrange a pessoa toda, no interior dela e na sua ação, vai levá-la a mudar não só o seu modo de agir, mas também o correspondente pensar.

Por isso, aplicando o contexto espiritual de conversão à nossa realidade, podemos aplicar à pastoral o mesmo processo de conversão. A expressão conversão pastoral, cunhada pela V Conferência do Episcopado Latino-Americano significa: mudar a ideia e a mentalidade, mas também as ações.⁵ De nada adiantariam novos instrumentos pastorais com uma mentalidade ultrapassada e nem ideias brilhantes com mediações arcaicas. A verdadeira conversão pastoral, como insistem os bispos na V Conferência, deve ser pessoal, comunitária e eclesial:

A conversão dos pastores leva-nos também a viver e promover uma espiritualidade de comunhão e participação propondo-a como princípio educativo em todos os lugares onde se forma o homem e o cristão, onde se educam os ministros do altar, as pessoas consagradas e os agentes pastorais, onde se constroem as famílias e as comunidades.⁶

A conversão deve ser vista no contexto da própria espiritualidade cristã, que é a vida segundo o Espírito de Jesus. É o seguimento de Jesus que supõe um esforço para viver como ele viveu, fazendo nossas suas atitudes e dando continuidade à sua missão que é proclamar a todos a Boa-Nova do Evangelho. Independentemente da nossa condição de ministros, ordenados ou não, o que nos garante nossa configuração a Cristo é o nosso próprio

⁵ Cf. DAp, n. 365.

⁶ DAp, n. 368.

batismo. De tal modo que conversão “é o processo de seguimento de Cristo sob o impulso do Espírito e a orientação da Igreja”.⁷

Seguramente a conformação a Cristo, como nos ensina São Paulo, nos leva a uma transformação interior e conseqüente mudança no agir:

Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando vossa maneira de pensar e julgar, para que possais distinguir o que é da vontade de Deus, a saber, o que é bom, o que lhe agrada, o que é perfeito.⁸

Daí, constatarmos ainda mais que a conversão não é só um ato para um momento sacramental. Trata-se, como vimos, de uma atitude existencial, uma virtude que qualifica o próprio ser e viver cristãos. Devido à fragilidade humana, a conversão não pode deixar de ser um processo, pois o convertido sempre corre o risco de uma regressão ou, se podemos dizer, des-conversão, através de uma decadência progressiva no egoísmo e na indiferença.

Além desta constatação, é preciso ter presente que a conversão, por mais pessoal que seja, não é um ato solitário, sem referência ou dependência. A conversão supõe um duplo movimento. No primeiro é priorizada a iniciativa de Deus e a importância do homem em responder livre e afirmativamente ao processo de conversão iniciado por Deus.⁹ No segundo, a conversão diz respeito também à Igreja, pois é ela que acolhe o convertido, anima, participa da renovação de sua vida através da oração, dos sacramentos, da proclamação da Palavra e da caridade fraterna. Daí podermos dizer que no processo de conversão a Igreja, como povo de Deus, está plenamente presente.

2. CONVERSÃO PASTORAL

É claro que, mesmo buscando uma inteligência mais clara da realidade da conversão, percebe-se que se trata de uma realidade verificável e interior, concreta e misteriosa. Por mais que se possa explicar e manifestar, a conversão sempre terá uma dimensão misteriosa que escapa ao controle

⁷ GALILEIA, S. *O Caminho da espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1985, n. 26.

⁸ Rm 12,2.

⁹ Cf. H. Fries, *Teologia de La Conversion*, p. 432-434.

e à racionalidade. No caso da pastoral, e também no contexto espiritual, a conversão pode ser estudada por diversas ciências, pela teologia, e também pela psicologia, que verificaria os mecanismos internos de conversão, a intensidade dos motivos que a impulsionam. A teologia se concentraria exatamente no duplo movimento de chamado de Deus e resposta do homem, o mistério da graça e a colaboração humana. Não há dúvida, por outro lado, que a conversão não é ideologia nem teoria. É mudança interna, externamente manifestada. As ações, os feitos, os sinais externos de conversão são a verificação ética e eclesial da sua autenticidade.

A expressão conversão pastoral, portanto, deve ser entendida como uma realidade espiritual que engloba, no nosso caso, o agente de pastoral, na sua totalidade: a dimensão interna no seu relacionamento de chamado de Deus e resposta da pessoa e, de outra, a expressão em ações, comportamento no contexto em que se vive, sobretudo na urgência de continuar a missão de Cristo em levar a Boa Nova a todas as pessoas (cf. Mt 28,19-20).

Por muito tempo, e com profunda seriedade, se buscou meios, instrumental, estratégias para tornar mais eficiente a ação eclesial, mas o resultado nem sempre foi satisfatório, pois esse resultado se originava de um interior não adequado e se patenteava a verdade evangélica,

Ninguém põe remendo de pano novo em roupa velha, porque o remendo repuxa o pano, e o rasgo fica maior ainda. Também não se põe vinho novo em barris velhos, senão os barris se arrebentam, o vinho se derrama e os barris se perdem (Mt 9,16-17; cf. Mc 2,22; Lc 5,38).

Não há como pensar a conversão pastoral sem levar em conta as duas dimensões da pessoa: o interno e o exterior, pois ambos se exigem, se completam, se questionam e criam comunhão.

Para que a conversão pastoral? Para uma melhor comunicação da fé em um determinado contexto, pois a proclamação do ensinamento de Jesus Cristo está subjacente em todas as escolhas pastorais, seja de uma pequena comunidade, como da paróquia, da diocese, como de toda a Igreja. Do contrário, sua existência estaria em risco caso não houvesse preparação permanente para realizar sua missão com profunda fidelidade.¹⁰

¹⁰ Cf. VILLATA, Giovanni. *L'Agire della Chiesa. Indicazioni di Teologia Pastorale*. Bologna: EDB, 2009, n. 11.

Nesse sentido, a pastoral é o conjunto de ações colocadas em ato pela Igreja para anunciar, celebrar e testemunhar o evangelho de Jesus na história, com uma referência particular à formação dos fiéis. Para tanto, a conversão é sumamente importante, pois será a base para que as ações eclesiais sejam, de fato, adequadas e eficientes. É a própria natureza ministerial da Igreja que justifica e explica a existência de uma espiritualidade pastoral e, nela, a conversão.

Nesse ponto da nossa reflexão é importante notar que ambos os termos, conversão e pastoral, evoluíram semanticamente: Conversão, manifestando sua dupla dimensão de chamado divino e resposta humana; e pastoral, por sua vez, no final do século XVIII e no início do século XIX, referia-se basicamente à doutrina e prática de formar pastores (presbíteros), e ao modo de zelar pelas almas.¹¹ Tal conceito foi evoluindo, ganhando diferentes significados, uns reducionistas, outros ambíguos e até errôneos. Por isso, ao falarmos de conversão, como de pastoral, é preciso ter uma noção exata de cada uma para que não se crie ambiguidade e até espanto e escândalo entre os fiéis cristãos.

Podemos ainda afirmar que pastoral é a ação da Igreja no mundo, sob o impulso do Espírito Santo, para a expansão do Reino de Deus. Mais do que nunca a conversão pastoral se tornou imprescindível, pois constatamos que a mudança tem de ser nos dois sentidos: no agir da Igreja e no seu ser para realizar o que o Vaticano II propõe por meio do Decreto *Ad Gentes*:

Como Cristo, por sua encarnação se ligou às condições sociais e culturais dos homens com quem conviveu, assim deve a Igreja inserir-se em todas essas sociedades, para que a todas possa oferecer o mistério da salvação e a vida trazida por Deus.¹²

O próprio Concílio Vaticano II, na pessoa do Papa João XXIII já proclamava a Igreja, em outros termos, à conversão pastoral:

A Igreja tem a obrigação de examinar em todas as épocas os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, para que assim possa responder de modo apropriado para cada geração às eternas perguntas

¹¹ Cf. FLORISTAN, C. *Teología práctica, teoría y praxis de La accion pastoral*. Salamanca: Sigueme, 1993, n. 108.

¹² Concílio Vaticano II. *Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da Igreja*, n. 11.

dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É por isso necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos.¹³

Se no texto anterior há um apelo para a exterioridade da conversão, a palavra *aggiornamento* faz a Igreja olhar para dentro de si como afirma Christopher M. Bellitto:

Juntamente com “sinais dos tempos”, *aggiornamento* é uma das expressões mais associadas a uma das mudanças de paradigma do Concílio Vaticano II, que normalmente é traduzida como atualização [...] uma tradução mais precisa e também mais literal seria do ato de colocar as coisas em dia [...] esta expressão nos lembra que o *aggiornamento* é um processo permanente. *Aggiornamento* em duas esferas principais: a institucional (relativa à estrutura da Igreja) e a individual (relativa a cada um dos cristãos).¹⁴

A conversão pastoral pode parecer para alguns um modismo momentâneo que logo passa. Nada disso. A evangelização sempre pautou a vida da Igreja, seja no seu interior, seja em relação a todos os povos. Já em 1992, por ocasião da IV Conferência Episcopal Latino-Americana em Santo Domingo, a conversão pastoral é colocada como base da nova evangelização que começa a ser assimilada, aos poucos, por toda a Igreja: “A nova evangelização é, antes de tudo, chamado à conversão e à esperança que se apoia nas promessas de Deus e que tem como certeza inquebrantável a Ressurreição de Cristo”.¹⁵

Ao continuar, Santo Domingo ainda insiste: “Jesus Cristo nos chama a renovar nosso ardor apostólico. Para isso envia o seu Espírito, que inflama hoje o coração da Igreja”.¹⁶

Os bispos, em Santo Domingo, aprofundaram a reflexão sobre a conversão pastoral reiterando a necessidade de uma fé sólida, uma caridade

¹³ Concílio Vaticano II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje*, n. 4.

¹⁴ CHRISTOPHER, M. Bellitto. *História dos 21 Concílios da Igreja: de Niceia ao Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 183.

¹⁵ Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. *Nova Evangelização, promoção humana e cultura cristã*. São Paulo: Loyola, 1992, n. 29.

¹⁶ Idem, n. 29.

pastoral intensa e uma forte fidelidade que gere uma verdadeira mística pastoral, um entusiasmo sem limites para anunciar o Evangelho. A conversão está em processo. Ao mesmo tempo, Santo Domingo fala da exteriorização da conversão:

Novas situações exigem novos caminhos para a evangelização [...]. É necessário empregar, sob a ação do Espírito criador, a imaginação e a criatividade para que, de maneira pedagógica e convincente, o Evangelho chegue a todos [...] é necessário utilizar meios que façam o Evangelho chegar ao centro da pessoa e da sociedade, às raízes mesmas da cultura.¹⁷

A conversão pastoral, como vimos, implica voltar-se para Deus como a fonte de tudo e, ao mesmo tempo, toda conversão a Deus exige também uma conversão ao próximo. Para isso é necessário que haja uma mudança de conduta, de mentalidade, de atitudes de acordo com a Palavra de Deus. Consequentemente, as estruturas e os métodos de ação pastoral devem passar por uma séria revisão para que toda a pastoral eclesial se configure, cada vez mais, aos ensinamentos e atitudes de Cristo.¹⁸ Sem uma verdadeira conversão pastoral, o agir eclesial se torna artificial e decorativo.¹⁹

Desde o início do cristianismo, os responsáveis primeiros procuravam manter os fiéis em um constante processo de conversão: “Eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, no partir do pão e nas orações [...]. E a cada dia o Senhor acrescentava à comunidade outras pessoas que iam aceitando a salvação” (At 2,42-47). Assim se deu pela história da Igreja. Os grandes momentos de crise da Igreja foram superados exatamente pela renovação interior de sua hierarquia e fiéis. Foi assim que chegamos ao Concílio Vaticano II, grande momento de primavera da Igreja, seguramente precedido pelo desejo de renovação e conversão. Na trilha do Concílio, Santo Domingo explicitamente mostra a necessidade de estarmos sempre em processo de conversão:

A nova evangelização exige a conversão pastoral da Igreja. Tal conversão deve ser coerente com o Concílio. Ela diz respeito a tudo e a todos: na consciência e na práxis pessoal e comunitária, nas

¹⁷ Idem, *ibidem*.

¹⁸ Cf. *Lumen Gentium*, n. 8-9.

¹⁹ Cf. *Evangelii Nuntiandi*, n. 20.

relações de igualdade e de autoridade; com estruturas e dinamismos que tornem a Igreja presente com cada vez mais clareza, enquanto sinal eficaz, sacramento de salvação universal.²⁰

Assim, nosso olhar, nossa pastoral e toda a nossa existência cristã atingiriam horizontes mais amplos como paróquias, comunidades, pastorais, movimentos, e atingiriam nossos irmãos e irmãs mais afastados e até os problemas mais profundos da sociedade. Na realidade, seria um empurrão em direção ao coração do mundo. Nesse caminho já se encontram muitas dioceses, como a de São Paulo, com a realização do 1º congresso de Leigos: *“Portanto, através do Congresso de Leigos, a Arquidiocese de São Paulo convoca todos os leigos e leigas, mas também o clero e os religiosos, a retomarem os belos e profundos ensinamentos do Concílio Vaticano II”*.²¹

Conversão pastoral não é um ato isolado, como vimos. Trata-se de um estado de espírito, um processo permanente que envolve pessoas, estruturas, situações. O projeto “Paróquia, torna-te o que tu és”, que está sendo realizado na Arquidiocese de São Paulo, pode ser um sinal de conversão:

Convido, pois, a todo o povo da Arquidiocese a acolher este ano como um dom de Deus e uma tarefa posta em nossas mãos [...] cada um é convidado a colocar o seu dom e carisma a serviços do bem de todos e da edificação do Reino de Deus.²²

Encontraríamos mais, sem dúvida, outras constatações entre o clero, leigos e leigas, bispos, religiosos e religiosas que atestam, nas diferentes dimensões da Igreja, como a conversão pastoral não dispensa a conversão pessoal, comunitária. Daí, novamente o Documento de Aparecida insistir: “Os bispos, sacerdotes, diáconos permanentes, consagrados e consagradas, leigos e leigas, são chamados a assumir uma atitude de permanente conversão pastoral, que envolve escutar com atenção e discernir ‘o que o Espírito está dizendo às Igrejas’ (Ap 2,29) através dos sinais dos tempos, nos quais Deus se manifesta (DAp, n. 380).

²⁰ Documento de Santo Domingo, n. 29.

²¹ Arquidiocese de São Paulo. 1º Congresso de Leigos. Secretariado de Pastoral. São Paulo, 2010, n. 11.

²² Arquidiocese de São Paulo, *“Paróquia torna-te o que tu és”* – Carta Pastoral de D. Odilo P. Scherer à Arquidiocese de São Paulo. Secretariado de Pastoral. São Paulo, 2011, n. 3.

E, por fim, a conversão pastoral exige que a Igreja seja constituída por comunidades de discípulos missionários que bebam em Jesus Cristo, Mestre e Pastor, as águas da Palavra, dos Sacramentos, da Caridade.

3. PRESSUPOSTOS PARA UMA REAL VIVÊNCIA DA CONVERSÃO PASTORAL

Não é fácil a conversão, pois ela exige mudança de rota, de mentalidade, de modo de agir, relações, valores. No processo de conversão estão englobados as pessoas, estruturas e métodos (pastoral em si mesma). Por isso, é necessário apoiar-se em alguns elementos que garantam a continuidade do processo de conversão:

– Resgatar a verdade de fé que, pela graça do Batismo, todos os cristãos são incorporados a Cristo, constituídos em povo de Deus, povo sacerdotal, profético e real (cf. 1Pd 2,4-5; LG II, n. 32; Hb 7,14; Mc 1,15; Mt 4,17).

– Fundamentar a conversão pastoral na Palavra de Deus para que a vida cristã e a ação pastoral tenham substância:

O Sínodo convidou a um esforço pastoral particular para que a Palavra de Deus apareça em lugar central na vida da Igreja [...] como animação bíblica da pastoral inteira [...] então podemos esperar que a animação bíblica de toda a pastoral ordinária e extraordinária levará a um maior conhecimento da Pessoa de Cristo, Revelador do Pai e plenitude da relação divina.²³

A tratativa da Palavra hoje está bem acessível, por exemplo, a leitura orante da Sagrada Escritura e “*lectio divina*”.

– A Exortação Apostólica ainda acrescenta:

Todos os fiéis debruçam-se, pois, gostosamente sobre o texto sagrado, quer através da sagrada Liturgia, rica de palavras divinas, quer pela leitura espiritual, quer por outros meios que se vão espalhando tão louavelmente por toda a parte, com a aprovação e o estímulo dos pastores da Igreja.²⁴

²³ BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*, n. 73.

²⁴ BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*, n. 86.

Este é um dos principais pressupostos que está ao alcance de todos os batizados, mormente àqueles que estão empenhados em algum ministério eclesial. O ativismo tem favorecido o aparecimento de muitas realizações, mas efêmeras, exatamente pela falta de alicerce, do substrato da Palavra de Deus. Não se pode temer “gastar” tempo com a Palavra de Deus em nossos encontros e reuniões, se quisermos uma pastoral com alma.

– Intensificar a vivência da comunhão na integração dos carismas, ministérios e serviços para que os dons do Espírito Santo sejam colocados à disposição dos demais (cf. 1Cor 12,4-12).

– Ter sempre presente a dupla dimensão da ação pastoral onde se mesclam a ação divina e a ação humana. Ambas as ações têm de ser respeitadas enquanto tais, e que de ambas surjam exigências concretas para a vida pastoral.

– Conhecer suficientemente o contexto em que se vive e se trabalha pastoralmente. Isto vale para todos os agentes de pastoral sem exceção. Para pensarmos realmente em uma nova dinâmica procedente da conversão pastoral, é ter ciência da transformação do tempo dos homens e das mulheres, do seu espaço e do seu habitat.

– Planejar suficientemente a ação pastoral com novos métodos e pedagogia, para dar eficácia à ação missionária.²⁵

Por ora, finalizamos os pressupostos com a Pastoral de Conjunto, visto ser mais que um método ou modo de agir: é um estilo de vida, uma qualidade inerente a todas as ações das pastorais, grupos, movimentos e associações da Igreja, guardadas suas diferenças, voltadas para um único alvo: Jesus Cristo e sua missão evangelizadora.

São Paulo nos dá a raiz bíblica da Pastoral de Conjunto ao nos afirmar:

Por isso, eu, prisioneiro no Senhor, peço que vocês se comportem de modo digno da vocação que receberam. Sejam humildes, amáveis, pacientes e suportem-se uns aos outros no amor. Mantenham entre vocês laços de paz, para conservar a unidade do Espírito. Há um só corpo e um só Espírito, assim como a vocação de vocês os chamou

²⁵ PAULO VI, na sua Encíclica *Evangelii Nuntiandi*, em 1975, perguntava: “Com que métodos devemos proclamar o Evangelho para que sua força seja eficaz?” – EN4.

a uma só esperança: há um só Senhor, uma só fé, um só batismo. Há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, que age por meio de todos e está presente em todos [...]. Cada um de nós, entretanto, recebeu a graça na medida que Cristo a concedeu [...]. A meta é que todos juntos nos encontremos unidos na mesma fé e no conhecimento do Filho de Deus, para chegarmos a ser o homem perfeito que, na maturidade do seu desenvolvimento, é a plenitude Cristo (Ef 4,1-6.7-13).

Iniciamos nosso artigo afirmando nossa radicalidade na Trindade Santa, origem da Igreja conforme o plano de salvação de Deus Pai, na missão do Filho e do Espírito Santo (cf. *Lumen Gentium*, n. 1). Pois bem, concluímos que a conversão pastoral se apresenta como consequência do amor do Pai, das missões do Filho e do Espírito Santo, para levar todas as pessoas à comunhão visível da Igreja. É o mandato de Jesus que nos convoca novamente hoje e nos envia:

Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que ordenei a vocês. Eis que eu estarei com vocês todos os dias, até o fim do mundo (Mt 28,19-20).

Assim, conversão pastoral não é escolha ou opção, é um imperativo bíblico-teológico que, em um processo permanente, das pessoas, estruturas e comunidades, fará da Igreja, cada vez mais, uma comunhão de comunidades, evangelizadora, ministerial e missionária.

CONCLUSÃO

O que motivou este artigo, sem dúvida, foi o objetivo de mostrar como a expressão “conversão pastoral”, cunhada pela V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe de Aparecida, entrou definitivamente no vocabulário teológico e no universo pastoral da Igreja, sobretudo na América Latina. É inegável os esforços, após o Vaticano II, das Conferências Episcopais Latino-Americanas em atualizar e concretizar os ensinamentos do Concílio no contexto religioso, socioeconômico, político e cultural dos povos latino-americanos. Entre tantos ganhos anteriores, a Conferência de Aparecida soube, de forma bastante clara, incisiva, sem rodeios, mostrar a urgência da Igreja de entrar em um processo de conversão pastoral para

responder às grandes questões que a sociedade hodierna coloca como desafios à evangelização.

A reflexão sobre a conversão pastoral coloca todos os católicos e agentes de pastoral em um processo de revisão das ações eclesiais, mas também da sua conformação ao Cristo, Bom Pastor. A conversão é uma iniciativa da graça de Deus. No entanto, o próprio Deus espera uma resposta positiva do homem, isto é, afastar-se do mal, do errado, do ultrapassado e se lançar, com fé e a força de Deus, ao serviço do Reino e da Igreja.

Não há dúvida que vivemos tempos difíceis em todos os sentidos e esferas. Por isso mesmo, é hora de, em comunhão com o Bom Pastor e com todos os agentes de pastoral ordenados e os fiéis cristãos, juntarmos forças para que a Igreja possa manifestar com eficácia o plano de salvação através de sua ação no mundo.

BIBLIOGRAFIA

IV CONFERENCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã*. São Paulo: Loyola, 1992.

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE – DOCUMENTO DE APARECIDA. Brasília/São Paulo: CNBB/Paulus/Paulinas, 2007.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *I Congresso de Leigos*. Secretariado de Pastoral. São Paulo: 2010.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Paróquia, torna-te o que tu és*. Carta Pastoral do Card. D. Odilo Pedro Scherer à Arquidiocese de São Paulo. Secretariado de Pastoral. São Paulo: 2011.

BÍBLIA de Jerusalém. Tradução, texto em língua portuguesa diretamente dos originais. São Paulo: Paulinas, 1980.

CHRISTOPHER, M. Bellitto. *História dos 21 Concílios da Igreja. De Niceia a Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2010.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. In: *Documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2001.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja. In: *Documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2001.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. In: *Documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2001.

FLORISTAN, C. *Teología Practica, teoria y praxis de la acción pastoral*. Salamanca: Sigueme, 1993.

GALILEA, S. *O caminho da espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1985.

PAULO VI. *Exortação Apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. São Paulo: Paulinas, 2006.

VALADEZ, Fuentes Salvador. *Espiritualidade pastoral: como superar uma pastoral "sem alma"*. São Paulo: Paulinas, 2008.

VILLATA, Giovanni. *L'agire della Chiesa*. Indicazione di Teologia Pastorale. Bologna: EDB, 2009.